

Autobiografia de Pedro Pires

Chamo-me Pedro José Henriques Pires.

Nasci no dia 4 de Fevereiro de 1968 numa pequena aldeia do distrito de Castelo Branco, no concelho de Vila Velha de Rodão, na freguesia de Fratel (veja-se anexo 1 – CLC, UFCD nº 7,).



Vivi nessa aldeia até aos quatro anos, não tenho muitas recordações dessa época para além das histórias que posteriormente os meus avós me contaram e de algumas fotografias, por essas histórias eu gostava muito de andar de burro nas viagens para a horta deles. Por volta dos quatro anos os meus pais vieram para Rio de Mouro no concelho de Sintra - dois anos depois fui para a escola primária nessa mesma localidade.



Na escola era muito mau aluno à disciplina de matemática, e a professora, uma senhora formada por volta da década de 1950, gostava muito de dar reguadas, deixou-me uma muito má impressão da escola e da disciplina. O episódio de que mais recordo até hoje foi quando depois de sair da escola, no meio de uma brincadeira parti a cabeça a um colega.



Por essa altura assisti, no cinema, ao filme “ Abismo Negro”, nos Restauradores em Lisboa, numa escolha de última hora entre esse filme e o Star Wars “O Império Contra Ataca”; na altura pareceu-me algo bastante aleatório, recordo-me que olhei para os cartazes que estavam no cinema e à sorte escolhi-o, mas hoje parece-me bastante curioso que eu tenha escolhido um filme mais calmo e muito menos popular. (veja-se anexo 2 – CLC, UFCD nº 7 [Crítica de cinema sobre o filme Tróia de PedroPires.pdf](#)).

Devido a esse filme os meus interesses fizeram interessar-me até hoje pela tecnologia informática, astronáutica e em menor grau pela tecnologia em geral e pela biologia. Foi por volta dessa altura que comprei um boneco de VINCENT, o principal protagonista do filme que era um robot, boneco que tenho até hoje.

Quando completei a primária fui para a Escola Preparatória do Algueirão, onde fiquei durante dois anos, depois disso fui para o Cacém. Numa aula um professor, quando eu não consegui ler o que estava no quadro, depois de me ter feito um pequeno teste com letras mais pequenas do que se estava a escrever, aconselhou-me a consultar um oftalmologista, que descobriu que eu tinha miopia.

Foi então que os meus pais se separaram, fui viver com a minha mãe para Camarate, no Bairro da Bogalheira, fui estudar para Sacavém, mas devido a problemas na escola, que estava inacabada, só comecei as aulas do 8º ano em Janeiro.

Foi também por volta dessa altura que adquiri as primeiras revistas de ciência e tecnologia que ainda hoje me interessam, lembro-me que duas delas tinham artigos que em poucos anos se confirmariam, e que me fizeram sentir estar um pouco na vanguarda, uma sobre os aviões invisíveis ao radar, com desenhos que na altura me fizeram pensar se aquilo alguma vez voaria. O outro sobre uma teoria de um impacto de asteróide que teria extinguido os dinossauros, e da forte resistência da comunidade científica, que parecia preferir uma explicação de desastres que conhecia bem na terra - como vulcões e doenças - do que aquilo que parecia um absurdo na altura à maior parte desses mesmos cientistas, mas agora parece-me que, antes de sermos lógicos, todos nós somos primeiro humanos com uma forte resistência à mudança.

Na altura passei por um período um bocado difícil: a minha mãe, com a extinção da categoria que tinha no Hospital Dona Estefânia, aproveitou para estudar numa rara oportunidade dada pelo Estado, primeiro para tirar o 9º ano de escolaridade e depois para tirar o curso de enfermagem.

Um episódio que marcou profundamente a minha vida em todos os aspetos de natureza pessoal foi o seguinte: cerca dos 12/13 anos, numa viagem de férias à minha terra natal, numa obra em que o meu avô do lado materno estava a demolir uma parede com uma marreta que parecia bastante pesada, num impulso agarrei um pouco da parede e tentei derrubar um bocado com as minhas mãos, ao que o meu avô me disse para parar ou ainda me aleijava; não sei o que me revoltou mais na altura, mas posteriormente pensei que aquilo era um bocado injusto -- o mais capaz dos meus avós, aquele que sabia ler e escrever (mal, mas sabia), aquele que conseguia de improviso fazer quadras (inclusive teve um conjunto que foi publicado num livro sobre a região e outro episódio que se perdeu - até para ele, porque se esqueceu do improviso - mas que foi procurada para publicação pelo padre da paróquia sobre as reformas que começaram a ser atribuídas aos trabalhadores rurais), era o único que ainda estava a trabalhar para viver e o que tinha o trabalho mais pesado. O meu avô era baixo, muito magro e a situação continua a parecer-me injusta. A vida foi injusta com ele, mas ele não deixou de ser alegre e um lutador.

O meu avô tinha (na altura eu pensava ser isto uma grande idiotice), a mania de gozar com os canais de língua estrangeira e logo em seguida abandonava a sala, mas neste momento eu percebo que era mais uma grande raiva por não saber línguas e perceber que já era muito tarde para aprender.



Atualmente a minha mãe tem o hábito de me contar a vida que levava quando estava na adolescência, em que se levantava às quatro da manhã para ir trabalhar na azeitona, tendo de caminhar vários quilómetros antes de chegar ao trabalho, transportando a comida para a semana, de como a vida era muito dura na altura; igualmente o meu tio tem também o hábito de contar ao filho histórias muito parecidas, mas eu acho que apesar de terem tido uma vida dura, o mundo não parou e aquilo que eles glorificam como trabalho duro não tem qualquer sustentabilidade económica no mundo atual. Porque temos de estar sempre a discutir o passado, atualmente empregar alguém com doze anos de idade é crime, e em vez disso olhar para o futuro aprendendo com o passado, sem ser com ideias preconcebidas?

Em 1986 arranjei emprego num supermercado no qual fiquei três anos, o trabalho era no mesmo bairro em que eu morava, o que foi uma grande vantagem quer no aspeto humano no contato com o público, quer no tempo da ida para o emprego, as minhas tarefas eram essencialmente a de repor as prateleiras com os mais diversos produtos, e atender os clientes na zona da charcutaria.

Em 1989 fui para o exército, fazendo a recruta na Póvoa de Varzim, foi uma tropa que classificaria como calma pois eu estava na área da manutenção militar, e o treino, comparando com outras especialidades, foi leve com uma semana de campo dentro nas tendas ao invés de rastejar no meio do mato, e depois disso para Aveiro, aonde fiquei colocado na cozinha numa espécie de mini armazém dos produtos alimentares, nesse ano estiveram a apoiar diversos eventos como um concurso de surf, e outros eventos desportivos mas infelizmente muitos tiveram lugar ao fim de semana, o que teve como efeito muito poucas visitas a casa nesses meses. Foi também por volta dessa altura que comecei a perder o cabelo, ainda experimentei diversos produtos anti-queda, mas passados alguns anos, lentamente as entradas no cabelo foram aumentando até o cabelo me cair quase todo.



Quando saí da tropa fui viver para Algueirão, tendo arranjado um trabalho em segurança numa fábrica em Paço de Arcos durante 3 meses. O trabalho não era pesado mas com doze horas de trabalho diárias em turnos alternados era muito penoso; em seguida comecei a frequentar um curso sobre ar condicionado e consegui arranjar trabalho no Hospital da Ordem Terceira como auxiliar no bloco operatório.

Na prática esse trabalho era temporário; entretanto arranjei outro na Papelaria Fernandes na área industrial, comecei por ser uma espécie de assistente mas mais tarde fui para uma máquina de corte de papel em formas para envelopes onde sofri um acidente num dedo, ficando no seguro de acidentes de trabalho durante 40 dias.

Foi também por essa altura que, para além de ter adquirido um VCR, instalei a TVCABO e comecei a adquirir mais informação através de canais como o Discovery Channel, o Odisseia, o Canal História, que no fundo definem as minhas principais áreas de interesse. (Veja-se anexo 3 - CLC Modem com falhas crónicas. <http://files.pedropiresefa.webnode.com.pt/200000160-58c4e59beb/Modem%20com%20falhas%20cronicas.pdf>)

Em 1996 comecei a trabalhar por turnos em máquinas de fechar envelopes. Ao contrário das anteriores, em que estávamos literalmente prisioneiros a alimentarmos o tabuleiro de minuto a minuto, possuíam um sistema de bobine de papel em que só era necessário colocar papel de 15 em 15 minutos; apesar de serem menos trabalhosas eram muito mais complicadas de colocar em funcionamento; fiquei nesse esquema de trabalho até 2005, data em que aboliram o turno da noite, mas passados dois anos aboliram o turno da tarde também.

Em 1996 mudei de residência e fui para Casal da Barota em Belas, fiquei mais perto do trabalho, e pouco depois comecei a tirar a carta de condução, embora sem muita convicção, só fiquei mais entusiasmado quando passei no código e então aumentei a velocidade com que estava empenhado no assunto... Quando fui a exame tive o azar de ir com um colega de trabalho que se revelou um desastre, o que me enervou consideravelmente; antes de ter iniciado o exame pensei mesmo que depois daquilo de certeza estava chumbado, mas para minha surpresa correu bastante bem e passei. O meu colega conseguiu posteriormente passar depois de ter mudado de instrutor.

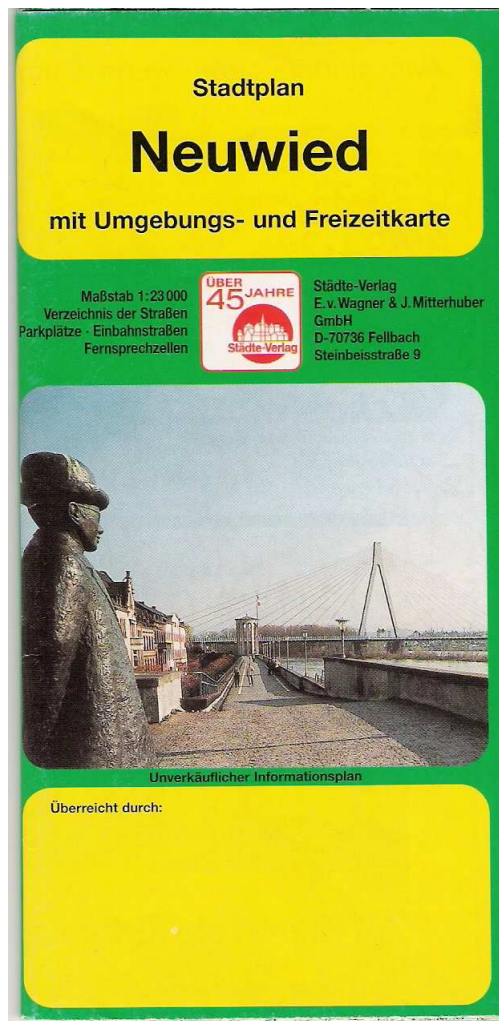
Apesar de ter tirado a carta levei outro ano até comprar um carro, devido principalmente à minha aversão em contrair qualquer forma de empréstimo, mas depois de procurar decidi-me por um Peugeot 206, que me pareceu uma boa compra.

Em 2001 tive um grave acidente de trabalho em Março, apenas uma semana depois de ter comprado um carro novo; não consegui conduzir durante três meses e estive no seguro durante quatro meses, no início eu pensava no azar que tinha, mas com o início da recuperação e com o convívio com outros, pensei na sorte que tinha tido pelo corte não ter sido mais profundo e atingido algum tendão ou osso.



Nesse verão viajei para a Alemanha em trabalho a uma fábrica da companhia Winkler Und Neumier numa pequena cidade chamada Neuweede, a uma hora da cidade de Colónia, a cidade era bastante bem organizada mas devido a ser uma pequena cidade foi estranho ter a esmagadora parte do comércio a fechar por volta das 19h00, no entanto na fábrica, apesar de ter achado a maior parte dos alemães um bocado frios, fiquei surpreendido com um ou outro

trabalhador que tinha o hábito de sair por uma janela onde estávamos a ter o curso, na minha visão estereotipada dos alemães, não esperava ver um a efetuar o que eu acreditava ser uma falha na ordem e no rigor daquele povo.



No final da visita de trabalho aproveitei para me deslocar de comboio à cidade de Colónia, onde visitámos, para além da catedral, a cidade em si, uma das coisas que me impressionou foi uma pequena feira em que vendiam de tudo, inclusive fósseis, o que achei bastante estranho pois sempre acreditei que o lugar deles era em museus e não a serem vendidos numa feira,



mas não deixei de pensar em adquirir um. O que mais me chamou a atenção foi uma pequena trilobite, grupo de animais que só é conhecido do registo fóssil – atraiu-me quer pelo seu aspecto alienígena e pioneirismo no domínio dos oceanos, mas o desconhecimento se seria permitido transportá-la no avião fez-me desistir. A feira em si era um pouco como a Feira da Ladra em Portugal mas mais pequena e melhor organizada.

Nessa viagem aproveitámos para experimentar uma enorme variedade da gastronomia disponível, desde a nativa até à tailandesa, que se provou extremamente forte para o meu apetite.

Por volta de 2004 depois de ter apanhado um vírus informático, o meu computador literalmente sofreu um curto-circuito, inutilizando não só o computador mas também a impressora, o monitor, modem, teclado, tendo perdido todos os dados que estavam dentro dela... nos anos seguintes tive um frenesim para ter espaço em backup, assim como a duplicação ou mesmo a triplicação de ficheiros, factor que me levou numa autêntica corrida ao espaço disponível, quer nos discos rígidos quer em pen drives.

Em 2005 tive também um grave problema de saúde com a ameaça de um ataque cardíaco no dia em vi nevar em Sintra: pelo que se veio a descobrir, devido ao frio uma pequena veia (mais estreita do que é normal) no coração provocou o ataque – isto deve-se à medicação que tomo e que é para o resto da vida. Passei a ter nos anos seguintes uma visão mais curta e imediata no tempo, como ficou um pouco exemplificado no parágrafo anterior. (veja-se anexo 2 – CLC, UFCD nº 6 [O dia em que alterei as perspectivas da minha vida.pdf](#).)



No mesmo ano, devido à saída de trabalhadores da minha secção (que estavam perto da idade da reforma) e o fim do turno da noite, fui transferido para uma máquina de folha aberta, mas foi curioso pois fiquei com a sensação de ter sido atirado às feras, pois não possuía nenhuma experiência dessa máquina e não recebi grande apoio, na altura achei aquilo sintomático da forma como a empresa estava a ser gerida.

Em 2008 o meu empregador decidiu que deixaria de comprar matérias-primas para a produção industrial e passámos a trabalhar apenas com o que tínhamos em armazém, mas nunca deixaram de pagar o salário. (YOU CAN READ MY AUTOBIOGRAPHY IN ENGLISH HERE CLC_LEC1 SEE ATTACHMENT 4 [Biografia do formando Pedro Pires de Abril de 2010.pdf](#)).

Por volta dessa altura fui convidado para ser membro suplente da nossa Comissão de Trabalhadores, não deixei de achar curioso que deveriam ser os membros mais experientes da empresa a avançar, mas acho que na altura em que as coisas estão mal, as pessoas têm tendência a ser egoístas; apesar de não participar ativamente na comissão, nas reuniões entre colegas achei tudo uma grande seca, horas perdidas com as mesmas perguntas repetidas vezes sem conta, sempre com as mesmas respostas, e sempre as mesmas pessoas a fazê-las, para no fim termos sempre o mesmo resultado.

Em Dezembro de 2009 finalmente a administração que conduziu a empresa ao desastre demitiu-se, não sem antes ter conseguido dar a volta ao maior accionista da empresa e ter um deles sido contratado para gerir a fundação desse senhor, que possuía já uma considerável idade, isto com um contrato de longa duração. Em Abril de 2010 deixou finalmente de pagar os ordenados, a tensão na empresa começou a aumentar e seguindo os conselhos do sindicato começámos aos poucos a suspender os contratos de trabalho para ter acesso em primeiro lugar à segurança social e posteriormente (ao fim de dois meses) efectuar a denúncia dos contratos de trabalho para ir para o fundo de desemprego; segui o conselho dado pelo sindicato e esperei que fossem eles a enviar-me para o fundo de desemprego.

Comecei então a procurar trabalho, mas muitas dessas propostas de trabalho eram, ou muito desvantajosas ou até propostas para trabalhar como empresário com um investimento a efectuar da minha parte, o que era financeiramente impossível e um grande risco de ficar com a minha vida ainda mais encravada do que estava.

Entre Novembro de 2009 e Janeiro de 2010 houve vários julgamentos com vista a resolver o futuro da empresa em que tinha estado a trabalhar, na altura havia duas propostas sobre o destino da empresa, mas para mim já só interessava se haveria ou não alguma verba para pagar as dívidas que me estavam atribuídas, ficando a gestão da massa insolvente entregue a um grupo que deveria reerguer a empresa.

Mas como eu desconfiei na altura, alguns gestores da nova sociedade tinham estado envolvidos na última fase da vida da Papelaria Fernandes, em breve percebi que não havia nada para erguer, estando esses gestores mais interessados em gerir os bens que restavam à empresa. Em Agosto de 2010 eles não compareceram à renovação do contrato que tinham com a empresa que geria os centros comerciais, fechando assim todas as lojas que poderiam recuperar a empresa.

Um ano depois de ter ficado desempregado, em Julho de 2010, consegui arranjar um emprego numa gráfica que adquiriu algumas das máquinas da antiga Papelaria Fernandes. Nesse mesmo mês tive a notícia de que a antiga fábrica tinha sido adquirida juntamente com a fábrica adjacente à nossa, seria demolida e no seu lugar seria construído um stand de automóveis com oficinas. Tive um sentimento contraditório pois apesar de ter trabalhado no lugar durante quase 20 anos, gostaria de deixar para trás esse aspeto da minha vida e seguir em frente com novas opções. Outro aspeto que quis saber foi se dinheiro para nos indemnizar.

O meu atual emprego apesar de ser no mesmo ramo e termos as mesmas máquinas e de ter quase as mesmas regalias, é, no entanto, bastante menos satisfatório pois apesar de ser melhor organizado tem menos condições de trabalho, devido ao menor espaço envolvido e

também por ser bastante mais fechado com inúmeras regras de segurança, uma maior poluição sonora e de calor.

Apesar de não ser um mau trabalho, pessoalmente não me sinto muito satisfeito com ele, quer pelas condições de trabalho quer pelos riscos que esse trabalho envolve, em termos de segurança no trabalho, devido não só às minhas anteriores experiências assim como com as dos meus colegas, neste ano de 2011 apesar de na minha secção não ter mais de dez funcionários, já foram para o seguro dois dos meus colegas um dos quais trabalha comigo há mais de quinze anos.

Com as perspetivas económicas atuais (Novembro de 2011) não sinto que possa tentar essa via, tanto por razões económicas, como de instabilidade devido às constantes alterações políticas que estão a afetar Portugal e a Europa, mas também com as alterações que aconteceram com o curso: na entrevista nunca me informaram que teria 210 horas de estágio.

Durante o tempo em que estive no desemprego e com o eclodir da chamada Crise da Dívida Soberana que está a afetar Portugal, comecei a interessar-me pela economia, no que se passa nos chamados mercados (Bancos, Hedge Funds, Fundos de Pensões, investidores individuais), e nos diferentes modelos económicos atuais e passados, alterando as perspetivas que tinha desse mundo.

Atualmente penso que estamos numa democracia imperfeita, em que o poder político se deixou influenciar pela necessidade de agradar continuamente aos seus eleitores, gastando o dinheiro que era de todos nós, até serem chamados a responder pelos mercados.

Também ao pesquisar outras economias, fico chocado que todos os países em que está a haver crescimento económico tenham baixos impostos (como em Hong Kong em que só uma percentagem muito baixa de pessoas paga imposto sobre rendimento com um tecto de cerca de vinte por cento) e não na minha visão de que esse crescimento era só sustentado em uma mão-de-obra com baixíssimos salários.

A alteração da minha visão do mundo nesse campo foi de tal modo profunda que só me ocorre resumi-la com uma alteração duma declaração de um político depois da Primeira Guerra Mundial “A Guerra é demasiado importante para ser deixada aos militares “ para “ O nosso futuro é demasiado importante para ser deixado nas mãos dos políticos”, com as suas constantes alterações de leis que introduzem de um momento para o outro sem muitas vezes pensar profundamente nas consequências, ou mais motivados por ideologia e não no que realmente funciona.

No final do mês de Outubro tive conhecimento de que uma das minhas ex-colegas decidiu emigrar para o Luxemburgo à procura do que não encontra no seu país, o que me deixa bastante triste, pois começo a não ver grande futuro em Portugal, com todas as previsões de economistas a tornarem-se realidade e a dos políticos a ficarem no reino da fantasia, neste momento a melhor de que consigo ter, é possivelmente a de um analista que advoga um Euro do norte e um Euro do sul, principalmente devido ao que chamou a mentalidade do sul da Europa.

Links

[Hierarquização de valores de acordo com a minha vida PedroPires](#)

[A Ética na Utilização do Computador](#)

[Ética e desenvolvimento institucional das ONGS de Pedro Pires](#)

[Globalização.](#)

[Reflexão acerca da Cid Prof da formadora Salette António e do Formador Rui Cunha de Pedro Pires.](#)

[Eu e o computador Pedro Pires S13.wmv](#)

[STC7 -1-PedroPires.pdf](#)

[STC7 -2-PedroPires.pdf](#)

[Inquérito sobre a ética dos utilizadores na Internet realizado na escola Eça de Queirós.](#)

[Esmiuçar Copenhaga S13.](#)

[Pedro Pires Reflexão acerca da disciplina de STC.](#)